

E-BOOK

SABER E SABERES

AS CULTURAS DA AFRO-DIÁSPORA EM DIÁLOGO COM
O COLUNI-UFF



**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
COLÉGIO UNIVERSITÁRIO GERALDO ACHILLES REIS
PIBIQUINHO**

ORIENTANDOS:

Jonathan de Oliveira Ruthes Sodré (turma 301)
Kauan Fontenele da Costa Crível (turma 401)

ORIENTADORAS:

Prof^a Ana Carolina Lacorte Lima
Prof^a Kimberly Araújo Gomes Pereira
Prof^a Patricia Barboza de Melo

PREFÁCIO

Prof^a Kate Lane Costa de Paiva

DIREÇÃO

Prof. Charleston José de Sousa Assis
Prof^a Natália Barbosa da Silva



E-BOOK

SABER E SABERES

**AS CULTURAS DA AFRO-DIÁSPORA EM DIÁLOGO COM O
COLUNI-UFF**

**E-BOOK APRESENTADO COMO
PRODUTO DO PROJETO "SABER E
SABERES: AS CULTURAS DA AFRO-
DIÁSPORA EM DIÁLOGO COM O
COLUNI-UFF", REALIZADO PELO
PIBIQUINHO, NO COLÉGIO
UNIVERSITÁRIO GERALDO
ACHILLES REIS.**

**NITERÓI
2022**



ÍNDICE

Sobre o Pibiquinho...	5
Apresentação.....	7
Prefácio.....	9
Metodologia.....	10
Capoeira.....	12
Carnaval.....	19
Umbanda.....	27
Referências.....	35
Autores.....	36



SOBRE O PIBIQUINHO



O Pibiquinho é um Programa de Pré-Iniciação Científica Júnior criado em 2010 por meio do PDI - Plano de Desenvolvimento Institucional e representa uma iniciativa inédita da Universidade Federal Fluminense, liderada pela Pró-Reitoria de Pós-graduação, Pesquisa e Inovação (PROPPi) e pela Direção do Colégio Universitário Geraldo Reis (COLUNI/UFF).

O objetivo deste programa é identificar e formar estudantes do Ensino Fundamental e Médio com vocação para a pesquisa e interessados em ter experiência em laboratórios de pesquisa científica da UFF. Incentivar o pensamento científico entre os estudantes mediante sua participação em atividades de pesquisa científica, orientadas por pesquisador qualificado, descobrindo novas vocações e identificando jovens talentos.

Em termos específicos, o Pibiquinho busca:

1) tornar o conhecimento científico acessível a professores e estudantes da educação básica da Escola Pública, aproximando-o de seu cotidiano e visando à transformação da realidade;



- 2) promover educação continuada para os professores do colégio, bem como o fortalecimento da interação entre o meio acadêmico e a escola pública de educação básica;
- 3) estimular programas das escolas públicas que levem à melhoria das condições de aprendizagem e à socialização dos jovens, favorecendo sua promoção e integração social;
- 4) incentivar a produção de metodologias, estratégias e materiais didáticos inovadores, visando à melhoria das condições de ensino/aprendizagem em articulação com a realidade local, regional e global.

APRESENTAÇÃO



*"O que traz empatia não é o sofrimento
Mas o conhecimento"*

A frase de Kabenguele Munanga nos convida a pensar sobre a importância de um trabalho de valorização das diferenças e das diversidades dentro da escola. Difundir o conhecimento através de práticas que compreendam as culturas negras como elemento essencial de construção identitária do povo brasileiro, e quais foram as transformações ao longo da história para que essas culturas se mantenham vivas, é o objetivo desta pesquisa.

Para que nossa pesquisa tivesse maior aproximação possível com os detentores dos saberes produzidos pelas culturas afro-brasileiras, foi utilizado como Método de pesquisa a História Oral, onde através de entrevistas semi-estruturadas foram escolhidos 3 zeladores das culturas afro-brasileira. Para realizar as entrevistas, esses zeladores foram até o COLUNI-UFF, ao encontro dos estudantes Kauan e Jonathan, bolsistas pesquisadores do Projeto. Inicialmente tínhamos um planejamento e cronograma previamente elaborado, porém, ao longo do processo, tivemos inúmeras mudanças, sobretudo no que se refere à viabilidade dos encontros no COLUNI-UFF (cidade de Niterói). Inicialmente, também eram sugestões de contato com zeladores das seguintes culturas: maracatu, slam e baiana do acarajé.

Os encontros de orientação foram basicamente divididos em duas partes: 1º semestre- estudos sobre as histórias dos negros no Brasil e suas culturas; 2º semestre- marcação das entrevistas com os zeladores das culturas e estudo dessas expressões (prévios às entrevistas). Ainda no primeiro semestre, tivemos a confirmação de participação do professor de Capoeira e do Carnavalesco em nossa pesquisa. Assim, os bolsistas fizeram uma pesquisa durante o recesso escolar (julho). Um deles sobre capoeira e o outro sobre carnaval. Ambos apresentaram seus registros no retorno do recesso, no mês de agosto.

Neste e-book apresentaremos parte de nossas pesquisas e conclusões geradas a partir dos acúmulos nas leituras e debates em nossos encontros semanais. São eles os responsáveis pelo sucesso de nosso trabalho: Professor Brinquedo, como é conhecido Warlon da Silva Rosa (41) - profissional de capoeira e idealizador do projeto Espaço Brincante, inclusive parceiro do Programa de Extensão em Educação Antirracista do COLUNI-UFF; Raphael Homem (41) - carnavalesco e enredista, além de jornalista e professor. Atualmente compõe a equipe de carnaval da Sociedade Recreativa Escola de Samba (SRES) Lins Imperial (escola de samba do grupo de Acesso no Rio de Janeiro); Paula dos Reis Moita (42) - babá de umbanda no Centro Espírita Justiça e Amor, professora na rede pública municipal do Rio de Janeiro e Mestre em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Com isso, convidamos todos os leitores para conhecer mais sobre as histórias desses sujeitos que defendem as nossas culturas e lutam cotidianamente contra o apagamento dos saberes produzidos pelo povo negro.

PREFÁCIO



Escola é lugar de acolhida e afeto. Mas, também de conflito e confronto. Algumas vezes, físico, mas, sobretudo, de ideias. Enquanto espaço de produção e reprodução de saberes (e sabores), a escola escolhe o que ensinar e o que aprender. O que ver e o que contar.

O Brasil é um país marcado e manchado pelo conflito racial que dizimou as milhares de populações indígenas originárias que aqui viviam e as outras tantas populações africanas sequestradas e escravizadas.

Os saberes que estas populações produziram foram, por muitas e muitas vezes, reprimidos, marginalizados, criminalizados. Como a capoeira, o carnaval e a umbanda que aqui são apresentados. A criminalização tinha um único objetivo: aniquilar a memória, a identidade e o legado desses povos, apagando-os, de vez da História.

Não conseguiram! Estes povos, com todo sofrimento e dor, resistem e insistem. Ecoam nas ladainhas, corridos e pontos. Nos tambores, nas danças, nos cantos. Na mandinga, na ginga, na catimba e na macumba.

Feito por erês pesquisadores e seus mais velhos orientadores e zeladores de saberes que vem de muito longe este e-book é uma dádiva. Um presente. Necessário à Escola. Uma degustação de saberes e sabores quem vem de muito antes. Que puxam e costuram o fio da memória da identidade e da luta para a construção de uma sociedade democrática, justa e livre - ainda tão sonhada. Este e-book é um presente àqueles e daqueles que residem, resistem e existem em nós. Porque nós somos. E seremos. Sempre!

Kate Lane
Professora do COLUNI-UFF
Doutora em Artes

METODOLOGIA



A história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas. (THOMPSON, 1998, p. 337).

Com uma abordagem qualitativa, o projeto "Saber e Saberes: as culturas da afro-diáspora em diálogo com o COLUNI-UFF" teve como metodologia a História Oral. Desta forma, os depoimentos e as entrevistas estruturadas realizadas com os detentores dos saberes das culturas negras tornaram-se registros de memória viva, com sentimentos, emoções, sensações dos entrevistados.

A História Oral ocupa-se de conhecer e aprofundar em uma realidade, conhecendo os padrões sociais, culturais, os processos históricos vividos e os laços afetivos envoltos nas práticas das culturas da afro-diáspora. E para as discussões da História Oral utilizamos as contribuições de Verena Alberti (1990) e Eclea Bosi (1987).

As discussões que envolveram o projeto giraram em torno de conceitos como: erudito x popular, moderno x tradicional, cultura popular x cultura negra para a compreensão sobre o que rege as relações sociais e econômicas.

Com essas questões a serem abordadas, utilizamos Muniz Sodré (1983; 1997; 1999; 2002) e Roque Laraia (2001) para a reflexão do conceito de cultura. Para o conceito de culturas negras e sua história, utilizamos as obras de Martha Abreu (2007; 2011).

Com o estudo destes conceitos, as orientadoras deste projeto trabalharam as temáticas juntamente com as crianças por meio da literatura infantil, vídeos e músicas. Os orientandos deste projeto fizeram pesquisas sobre o carnaval, a capoeira e a umbanda antes de realizarem as entrevistas. Este processo possibilitou que os estudantes conhecessem mais sobre as culturas que os entrevistados praticam.



Jonathan e Kauan, em atividade de pesquisa
FONTE: Acervo Pibiquinho



DONA ISABEL

DONA ISABEL QUE HISTÓRIA É ESSA DE TER FEITO ABOLIÇÃO
 DE SER PRINCESA BOAZINHA QUE LIBERTOU A ESCRAVIDÃO
 TÔ CANSADO DE CONVERSA. TÔ CANSADO DE ILUSÃO
 ABOLIÇÃO SE FEZ COM SANGUE QUE INUNDAVA ESTE PAÍS
 QUE O NEGRO TRANSFORMOU EM LUTA
 CANSADO DE SER INFELIZ
 ABOLIÇÃO SE FEZ BEM ANTES
 E AINDA HÁ POR SE FAZER AGORA
 COM A VERDADE DA FAVELA
 E NÃO COM A MENTIRA DA ESCOLA
 DONA ISABEL CHEGOU A HORA
 DE SE ACABAR COM ESSA MALDADE
 DE SE ENSINAR AOS NOSSOS FILHOS. O QUANTO CUSTA A LIBERDADE
 VIVA ZUMBI NOSSO REI NEGRO. QUE FEZ-SE HERÓI LÁ EM PALMARES
 VIVA A CULTURA DESSE POVO. A LIBERDADE VERDADEIRA
 QUE JÁ CORRIA NOS QUILOMBOS. E JÁ JOGAVA CAPOEIRA
 IÊ VIVA ZUMBI...



MESTRE TONI VARGAS
 Centro Cultural Senzala de Capoeira



CAPOEIRA

PROFESSOR BRINQUEDO



CAPOEIRA

(...) Porque assim, as pessoas olhavam a gente de branco e já tinha um preconceito religioso também, fica achando que já era o pessoal do candomblé ou da umbanda. Ainda mais com atabaque, com o tambor, né? Às vezes nos ombros ou carregando. Então, a gente já via as pessoas olhando pra você assim "Ih já vem aquele pessoal lá", né? (...) eu comecei num projeto social dentro de uma igreja, né, evangélica. E a gente usava, né, um instrumento chamado tubadora ou conga da orquestra, da banda da igreja. E toda aula era: "vai lá pegar a tubadora". Aí, uma dessas vezes eu fui buscar. Aí chegou uma senhora e falou "Ih chegou eles aí ó... É porque isso aí é macumba".

O fragmento da epígrafe nos provoca a refletir sobre muitas questões. As culturas afro-brasileiras, passaram por um processo de reducionismo, sendo todas elas atreladas ao aspecto religioso. Com isso, baseados na demonização dessas religiões, toda a cultura negra, logo, é vista como inferior, negativa, com vínculos com elementos vistos como "malignos", etc.

O primeiro ponto que precisamos lançar, é que o "diabo", o qual essas religiões até hoje são acusadas de cultuar, é uma criação do cristianismo. O mal, na perspectiva da umbanda, por exemplo, não tem relação com essa figura.



Se perguntarmos o que é capoeira, não há um consenso: é uma dança que parece luta. Ou é uma luta que parece dança? É um jogo? É uma brincadeira? Sabemos o quanto é difícil compreender uma definição.

Nossa reflexão neste texto não pretende responder essa pergunta. Por que dividir algo que é tão complexo e desconhecido por muitos? De onde vem essa ideia de segmentar, de reduzir, de separar... Essas tentativas de embranquecimento da cultura afro-brasileira essa pesquisa também pretendeu analisar.

A capoeira é uma luta construída no Brasil e conta com elementos trazidos por todos os povos que formaram a nossa sociedade. A origem não possui concordância entre os pesquisadores, tendo muitos que defendem a sua origem indígena, vinda da luta Maraná (tribo Marajoara) ou ainda, que a capoeira já se encontrava no continente africano, antes da diáspora.

A palavra capoeira vem do tupi-guarani "caa-poera" e significa "mata rasteira". A capoeira é encontrada em diversos momentos da história do Brasil, das lutas no Quilombo dos Palmares, nas invasões holandesas, na instituição do estado republicano.



Foi proibida em 1890, pela conhecida "Lei da vadiagem" junto à outras expressões praticadas pelos povos negros. Por ter resistido à todo um contexto de genocídio e apagamento cultural, é vista como luta de libertação.

Nossa pesquisa teve como primeiro entrevistado o professor de capoeira conhecido como *Brinquedo*. Warlon da Silva Rosa, 41 anos, morador da zona oeste do Rio de Janeiro. Brinquedo pratica capoeira desde seus 16 anos de idade, e de todo esse tempo, há 23 anos leciona para crianças, jovens e adultos. Em nossa entrevista, Brinquedo nos relatou que entrou na capoeira por incentivo de seus amigos, e que em sua adolescência era comum a prática de artes marciais, sobretudo para defesa pessoal.

Seu apelido é Brinquedo, devido sua grande habilidade corporal para a executar os movimentos e saltos acrobáticos da capoeira.

Uma fala curiosa trazida pelo professor, foi que essa facilidade se deveu às brincadeiras de criança.

As brincadeiras de criança: bola de gude, soltar pipa, rodar pião, né? É... amarelinha, elástico, tudo isso foi me ajudando, foi me construindo (...). Quando eu cheguei na capoeira, se tornou muito fácil pra mim. Porque eu olhei assim e falei: "caramba, isso eu já fazia!"

O professor relata que sempre brincou muito, de todo tipo de brincadeira, e que isso foi de extrema importância para adquirir consciência corporal e desenvolver coordenação motora, lateralidade, alongamento do corpo, reflexo e etc.

Quando perguntamos ao Professor, se ele acredita que a capoeira deveria ser abordada na escolas, e se em caso positivo, como seria esse trabalho, o professor trouxe, num primeiro momento, a necessidade da capoeira ser feita com prazer. Por isso, ser oferecida no horário "extracurricular", sendo opcional a aderência a ela. Entretanto, o professor deixou evidente que, dependendo de como ela for trabalhada, pode ser muito bem aproveitada nos currículos escolares.

(...) dentro da grade curricular, de repente, ela aprende a gostar. Porque a capoeira tem tanta coisa, tanta coisa... Tem música, tem confecção de instrumento, tem tocar o instrumento, tem cantar, tem você fazer atividade de corpo e movimento que são saltos, que é o diálogo do jogo, tem a parte cultural... Tem muita coisa, entendeu? Eu não acredito, sinceramente, que se eu perguntar pra qualquer ser humano e falar assim: "O que você gosta de fazer?" que em dez coisas que ele falar, não entre duas, cinco, que exista na capoeira.



Aula de musicalidade do Coco de roda, no COLUNI-UFF, 2022.

FONTE: Acervo do Programa de extensão em Educação Antirracista



Turma infantil, sede Espaço Brincante,
na Cidade de Deus, Rio de Janeiro, 2022.
FONTE: Acervo Espaço Brincante



Encontro realizado para a entrevista com o professor
Brinquedo, em 03/08/2022, no COLUNI-UFF

“

KIZOMBA, A FESTA DA RAÇA

VALEU ZUMBI!

O GRITO FORTE DOS PALMARES

QUE CORREU TERRAS, CÉUS E MARES

INFLUENCIANDO A ABOLIÇÃO

ZUMBI VALEU!

HOJE A VILA É KIZOMBA

É BATUQUE, CANTO E DANÇA

JONGO E MARACATU

VEM MENININHA PRA DANÇAR O CAXAMBU

ÔÔ. ÔÔ. NEGA MINA

ANASTÁCIA NÃO SE DEIXOU ESCRAVIZAR

ÔÔ. ÔÔ. CLEMENTINA

O PAGODE É O PARTIDO POPULAR

SACERDOTE ERGUE A TAÇA

CONVOCANDO TODA A MASSA

NESTE EVENTO QUE CONGRAÇA

GENTE DE TODAS AS RAÇAS

NUMA MESMA EMOÇÃO

ESTA KIZOMBA É NOSSA CONSTITUIÇÃO

QUE MAGIA

REZA, AJEUM E ORIXÁS

TEM A FORÇA DA CULTURA

TEM A ARTE E A BRAVURA

E UM BOM JOGO DE CINTURA

FAZ VALER SEUS IDEAIS

E A BELEZA PURA DOS SEUS RITUAIS

VEM A LUA DE LUANDA

PARA ILUMINAR A RUA

NOSSA SEDE É NOSSA SEDE

E QUE O APARTHEID SE DESTRUA

”

COMPOSITORES: RODOLPHO, JONAS E LUIZ CARLOS DA VILA

AUTOR DO ENREDO: MARTINHO DA VILA

G.R.E.S. UNIDOS DE VILA ISABEL-1988

CELEBRAÇÃO DO CENTENÁRIO DA ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA



CARNAVAL

RAPHAEL HOMEM





CARNAVAL

"E, por isso é tão importante também a gente manter isso, né, porque a política de extermínio ela passa por muitos níveis, né, não é só passar e atirar e matar as pessoas. Quando você mata uma cultura você também está matando as pessoas. Então por isso que é tão importante a gente sempre trazer e mais uma razão para isso estar em sala de aula (HOMEM, Raphael, 2022)".

O carnaval, um dos festejos mais famosos do país, tem sua importância enquanto elemento constituinte da identidade brasileira. Apesar da festa não ser originária do Brasil, o carnaval chegou aqui ainda no Período Colonial. Apesar das repressões às práticas carnavalescas, o carnaval se popularizou no Brasil ao longo dos anos e tornou-se um elemento identitário. “Assim, o carnaval/ samba constitui um elemento de diferenciação com relação ao outro, servindo como uma marca do ‘ser brasileiro’, a imagem de povo alegre, descontraído e sensual tem grande relação com os festejos carnavalescos (DELGADO, 2012, p. 38)”.



Ao observarmos as manifestações carnavalescas no Brasil, percebemos a diferença entre as comemorações carnavalescas entre as regiões e estados do País. No Rio de Janeiro, a presença das Escolas de Samba e os seus desfiles na Marquês de Sapucaí atraem os turistas nacionais e internacionais. No entanto, o carnaval, os desfiles e as Escolas de Samba são mais do que meros atrativos turísticos, e sim, constituem-se parte da Cultura Popular.

As Escolas de Samba proporcionam vivências aos seus participantes que moram no Rio de Janeiro ou nas cidades metropolitanas. Niterói possui ao menos três Escolas de Samba que desfilam no Grupo Especial ou Série Ouro do carnaval carioca: Unidos do Viradouro, Acadêmicos do Cubango e Acadêmicos do Sossego. E por se tratar de uma vivência, muitas vezes construída e perpassada entre as gerações, convidamos o carnavalesco da Sociedade Recreativa Escola de Samba Lins Imperial, Raphael Homem, para falar da sua história com o carnaval. A entrevista foi realizada no COLUNI em setembro de 2022 e foi possível conhecer um pouco da história e a relação de Raphael com o Carnaval.

Raphael nos contou que a sua experiência com o carnaval iniciou-se por volta dos 13 anos quando pode participar pela primeira vez do Desfile das Campeãs. Depois disso, Raphael prometeu a si mesmo que iria conseguir fazer parte de alguma Escola de Samba. Esse pontapé inicial aconteceu em 2009, em um ensaio do Salgueiro.



Raphael estava com uma amiga que era chefe de Gabinete da Nilcéa [1] e na época, a mangueira tinha uma carnavalesca (Márcia) e Raphael sugeriu que sua amiga fosse falar com a Márcia.

Ao saber que a amiga de Raphael trabalhava com mulheres, apresentou a elas a neta de Cartola, Nilcemar Nogueira onde Raphael começou a frequentar e trabalhar. Até que em um dia, Nilcemar o chamou para ir ao barracão da Mangueira quando eles estavam escrevendo o “caderno abre-alas”, a parte escrita que é entregue aos jurados e aos jornalistas onde há a explicação da história que o desfile conta a cada ano. E assim, de um participante, Raphael virou um colaborador da escrita do “caderno abre-alas”. Raphael nos contou que conheceu outras pessoas e foi parar na escola de samba “Alegria da Zona Sul”, onde inicialmente participava também da parte textual. Mas no ano seguinte já era carnavalesco da Escola de Samba.

Raphael destacou que preparar um enredo de Escola de Samba exige muita pesquisa e leitura de trabalhos acadêmicos e livros. Além disso, é preciso modificar a linguagem acadêmica para a linguagem do carnaval, transformada em cores, alas e carros alegóricos.

[1] Nilcea Freire foi ministra – chefe da Secretaria de Políticas para Mulheres durante o governo Lula (2004 – 2010)



O carnavalesco afirmou que as Escolas de Samba abordam conteúdos que são aprendidos ou que possam se adequar ao currículo escolar. Isso se aplicaria desde a montagem dos carros alegóricos, bem como a divisão do tempo de desfile pelas pessoas que compõem a escola tem para desfilar e também envolve português/literatura quando se fala do “caderno abre-alas”.

Ao longo da entrevista, Raphael destacou as semelhanças das escolas de samba com os quilombos, onde cada pessoa tem uma função, uma organização estruturada para que o carnaval aconteça. Além do sentimento de família, comunidade existente nas escolas de samba.

Raphael falou da importância dos terreiros do candomblé como forma de resistência e para a existência das escolas e do samba. Raphael descreve na entrevista que já sofreu racismo ao defender o carnaval. E entende como racismo religioso, já que muitas pessoas acreditam que o carnaval é a festa dos excessos, do pecado e por isso, do diabo.

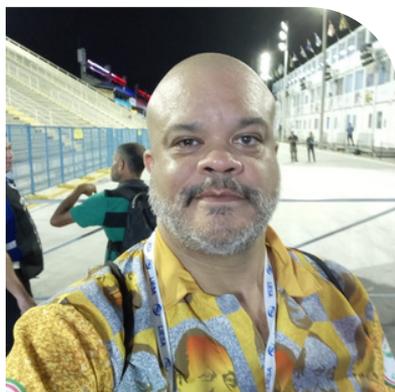
“Normalmente, as pessoas fazem esse tipo de crítica sem sequer ter pisado num lugar de samba, de escola de samba, nada disso. Normalmente, quem fala isso é porque nunca foi ou que foi e já curtiu muito e que, de alguma maneira, quer negar isso, sabe? Mas já, isso aí é o tempo todo. Muitas vezes”.



Apuração da Escola de Samba Lins Imperial, em 2022
FONTE: Acervo do entrevistado



Abre-alas da GRES Guerreiros Tricolores, ano de 2020
FONTE: Acervo do entrevistado

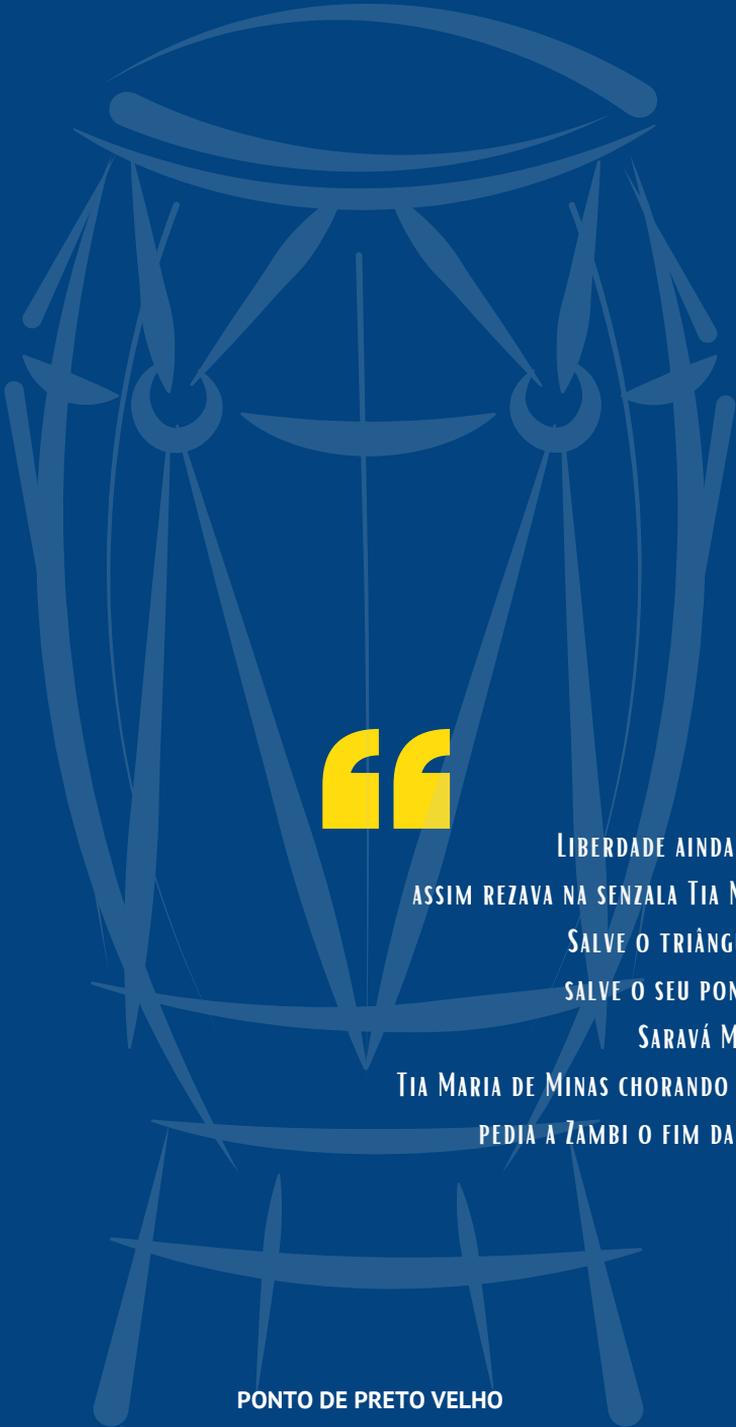


Desfile da SRES Lins Imperial, no sambódromo do Rio de Janeiro, em 2022

FONTE: Acervo do entrevistado



Encontro realizado para a entrevista com o carnavalesco Raphael Homem em 08/09/2022, no COLUNI-UFF.



“

LIBERDADE AINDA QUE TARDIA
ASSIM REZAVA NA SENZALA TIA MARIA (BIS)
SALVE O TRIÂNGULO DIVINO
SALVE O SEU PONTO RISCADO
SARAVÁ MINAS GERAIS
TIA MARIA DE MINAS CHORANDO EM ORAÇÃO
PEDIA A ZAMBI O FIM DA ESCRAVIDÃO

”

PONTO DE PRETO VELHO

UMBANDA

BABÁ PAULA MOITA





UMBANDA

"O povo fala assim: não, eu sou espírita. Não, não sou espírita, eu sou umbandista. Espiritismo ele é, tem uma raiz histórica, uma raiz epistemológica, uma raiz, inclusive, étnica que não é, né, afrodiaspórica..." (MOITA, Paula, 2022.)

Em diferentes áreas do Brasil, as religiões negras se constituíram de diversas formas com ritos e nomes influenciados pelas tradições africanas como, por exemplo, o *candomblé* na Bahia, a *macumba* no Rio de Janeiro, o *xangô* em Pernambuco e Alagoas e o *tambor de mina* no Maranhão. No Nordeste, as religiões indígenas também contribuíram para as diferentes modalidades de celebrações religiosas como o *toré* e a *pajelança*.

Segundo Prandi (1998), até os anos de 1930, as religiões negras eram consideradas religiões que mantinham vivas as tradições de origem africana de forma que pudessem preservar as culturas dos antigos negros escravizados e de seus descendentes. Formada no Brasil, resultante do encontro entre tradições africanas, católicas e espíritas, a umbanda se constitui como uma religião universal, ou seja, direcionada para todos.



O trecho da entrevista com a babá de umbanda, Paula Moita, que inicia esta sessão, nos faz refletir acerca do que Prandi (1998) denomina como o processo de branqueamento das religiões de matriz africana, especialmente a umbanda. O espiritismo, originário da França, trazido para o Brasil por Alan Kardec, se firmou no país como uma religião destinada à população de classe média, embora, pessoas negras e pobres frequentassem as reuniões. Ainda, de acordo com o autor, a umbanda se constituiu através do apagamento e negação, em diversos momentos, de suas origens negra e africana, tentando "incorporar uma face mais europeia, mais branca."

Na entrevista realizada com Paula, a babá de umbanda nos conta um pouco da sua história com a religião. Paula tem o primeiro contato com a umbanda através de uma iniciativa de seus pais, aos 12 anos. A babá afirma que por conta da idade e da falta de conhecimento sobre a religião, reproduzia preconceitos já historicamente enraizados e, por isso, dizia aos pais: *"Deus me livre e guarde, que eu não ia pra macumba, que isso era coisa do demônio"*. Nesse sentido, foi após pisar em um terreiro de umbanda pela primeira vez que, segundo a babá, *"foi desconstruindo uma série de conceitos e preconceitos"* em relação à religião.



Apesar do projeto e da tentativa de embranquecimento das religiões de matriz africana e afro-brasileira, estes ritos ainda eram considerados como religiões de negros e, por isso, eram controlados e perseguidos pelas forças policiais, por exemplo.

Desse modo, a fala de Paula relacionando a umbanda ao demônio, faz parte de um costume histórico-social de criminalizar e marginalizar as culturas negras, afro-brasileiras e diaspóricas. Inclusive, tal aspecto surge, também, na entrevista realizada com o carnavalesco Raphael Homem, corroborando com a ideia de que o racismo se faz presente de diferentes formas atingindo as diversas manifestações das culturas negras.

Ao ser questionada sobre as dificuldades que enfrenta por ser umbandista e mãe de santo, Paula nos afirma que são muitos os desafios que precisa administrar e ultrapassar como, por exemplo, o preconceito das pessoas. Relata, ainda, que enfrenta todas essas adversidades e segue adiante com seu compromisso com a umbanda *"pelos que vieram antes de nós, pelos que virão depois de nós (...) pra ela (a umbanda) existir muita gente lutou pra poder eu chegar e ser babá de umbanda"*.



Em relação à abordagem do ensino religioso nas escolas, a babá compartilha conosco sua perspectiva acerca do assunto. Para Paula, em um país histórica e culturalmente cristão como o Brasil, devido ao processo de colonização europeia, não é abordada e, tampouco, valorizada de forma justa as demais formas de expressão religiosa existentes.

De acordo com Paula, *"a escola não é o lugar de catequese, nem de ensinar a religião (...) existe o espaço dos terreiros, das igrejas, das mesquitas para isso. Acho que na escola a religião teria que ser abordada, como a gente aborda a história da sociedade, as histórias de diferentes povos. Né? Numa visão filosófica, antropológica. Né? De história mesmo. Né? E tendo o cuidado de tentar, abarcar o máximo de religiões possíveis. Não tenho que trabalhar o ensino religioso pra catequizar os outros para serem umbandistas. A gente tem que discutir, né, as histórias das religiões. Essa é a minha concepção, de como elas devem ser trabalhadas na escola."*

É importante ressaltar que, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN/Lei - 9394/96), o ensino religioso é de matrícula facultativa e deve ser "assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo." Além disso, em concordância com a Constituição Federal de 1988, o Estado no Brasil é laico.

Vale destacar que Paula apesar de ser uma mulher branca, por conta da sua condição de mãe de santo e umbandista também já foi vítima de racismo religioso por ocupar o lugar de zeladora de uma das expressões das culturas negras existentes no Brasil. Em sua entrevista nos relata algumas situações em que ela e seus irmãos de santo foram discriminados, ofendidos, perseguidos e, até mesmo, agredidos por usarem roupas brancas, vestes comumente utilizadas em rituais de umbanda.

Desse modo, é possível compreender que o racismo, além de se configurar como uma estrutura de poder e opressão para as pessoas negras, ele também possui tentáculos que atingem àqueles que representam e defendem as diferentes formas de se expressar de origem africana e afro-brasileira.



Centro Espírita Justiça e Amor, na caminhada contra a intolerância religiosa, em 2022.

FONTE: Acervo do Centro Espírita Justiça e Amor



Cerimônia de casamento realizado no Centro Espírita
Justiça e Amor, em 2022.

FONTE: Acervo do Centro Espírita Justiça e Amor



Encontro realizado para a entrevista com a babá e professora
Paula Moita
em 22/09/2022, no COLUNI-UFF.

REFERÊNCIAS



ABREU, Martha. Cultura Imaterial e Patrimônio Histórico Nacional. In : Abreu, M., Soihet, R. e Gontijo, R. **Cultura Política e Leituras do Passado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

ABREU, Martha e DANTAS, Carolina Viana. “Música Popular e História” in Lopes, H., Abreu, M., Ulhoa, M.T., Velloso, M.P. **Música e História no longo século XIX**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011.

ALBERTI, Verena. **História Oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: EDUSP, 1987.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, promulgada em 05/10/1988. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** (Lei 9394/96). Ministério da Educação, 1996.

SODRÉ, Muniz. **Corpo de Mandinga**. Manati, 2002. v. 1.

SODRÉ, Muniz. **Samba, O dono do corpo**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998. v. 1.

SODRÉ, Muniz. **A Verdade Seduzida. Por um conceito de cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Codecri, 1983

SODRÉ, Muniz. **Multiculturalismo**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. v. 1.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura- um conceito antropológico**. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2001.

PRANDI, Regionaldo. **Referências sociais das religiões Afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento e africanização**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 151-167, jun. 1998. Universidade de São Paulo, Brasil. Disponível: <https://www.scielo.br/j/ha/a/g35m5TSrGjDp9HxYGjBqNGg/?lang=pt#:~:text=A%20hist%C3%B3ria%20das%20religi%C3%B5es%20afro,de%20cor%20ou%20origem%20racial> Acesso em 15/11/2022

SOBRE OS AUTORES

ORIENTANDOS:



Jonathan de Oliveira Ruthes Sodré
Estudante do 3º ano do Ensino Fundamental no COLUNI-UFF.

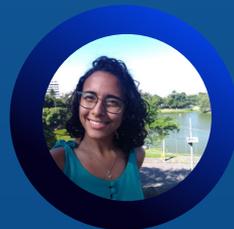


Kauan Fontenelle da Costa Crível
Estudante do 4º ano do Ensino Fundamental no COLUNI-UFF

ORIENTADORAS:



Docente do COLUNI-UFF; Pedagoga UERJ; Mestra em Educação UFRJ; Professora de capoeira e Umbandista.
ancarolina@id.uff.br



Pedagoga UERJ- FEBF; Mestranda em Educação do PPGECC - UERJ; Docente da SME - Miguel Pereira.
kimberlyaraujo.pereira@gmail.com



Pedagoga UFRJ; Docente do COLUNI-UFF; Pós-graduanda em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico - Colégio Pedro II.
pbmelo@id.uff.br